

COLETIVIDADE GERA COLETIVIDADE

Pépe Sedrez¹

¹ Diretor, ator, professor de Teatro e autodidata, iniciou seus estudos em 1986 no Núcleo de Teatro e Escola

*Para o ator, doar-se é tudo.
Mas para doar-se é preciso antes
possuir-se.*
(Jacques Copeau)

Fundada em 1995, em Blumenau, Santa Catarina, a Cia Carona é um coletivo estável, composta por 5 integrantes² que se revezam nas funções de atuar, dirigir, lecionar, produzir... Tem como características principais o trabalho grupal e a pesquisa continuada acerca da atuação teatral e possui como premissa o processo **colaborativo**. Além disso, desde o ano de 2004, a Carona Escola de Teatro representa um eixo

(NuTE), com Alexandre Venera dos Santos. Criou o Grupo Meu Grupo, em 1990, e é um dos fundadores da Cia Carona de Teatro e da Carona Escola de Teatro.

fundamental na sustentação da pesquisa do grupo. Nesse caso, os processos artístico-pedagógicos correspondem a mais de 140 espetáculos, apresentados principalmente nas 22 edições da Mostra Carona de Teatro e que já envolveram aproximadamente 1.500 estudantes e aproximadamente 8.000 espectadoras/es. O intuito deste ensaio é expor, como recorte, três experiências vivenciadas no âmbito do ensino de teatro, em períodos distintos, que geraram **espetáculos** e, sobretudo, que pulsaram no ritmo da coletividade, seja durante o processo criativo e/ou como desdobramento de

² Sabrina Marthendal, Sabrina Moura, Fábio Hostert, James Beck e Pépe Sedrez.

atividades. Assim sendo, de que maneira a produção artística da Carona Escola pode verter para além do palco do Teatro Carlos Gomes e dialogar efetivamente com a cidade? Os espetáculos que elencamos foram: 1) “A Grande Parada”, do VísCera Teatro, estreado em 2009; 2) “Eu Era Hamlet”, da Turma Adulta (não formou grupo), estreado em 2015; e 3) “Com Açúcar, Sem Afeto”, do Coletivo Atravessa Parede, estreado em 2017.

A GRANDE PARADA

³ VísCera Teatro. Disponível em: <https://viscerateatro.wordpress.com/integrantes/>. Acesso em: 29 mar. 2021.

Não digam nunca: isso é natural.
(Bertolt Brecht)

Em 2009, a Carona Escola de Teatro elegeu o dramaturgo e diretor alemão Bertolt Brecht como tema norteador dos estudos, das pesquisas e, conseqüentemente, das montagens realizadas por suas turmas de alunas/os. Coube-me, dessa forma, o prazer de orientar uma turma de adultas/os que já fazia aulas conosco há mais tempo e que eu mesmo já havia dirigido no ano anterior. Com essa turma, em 2008, cujo tema era “Dramaturgia Brasileira”, já havíamos encenado “Navalha na Carne”, de Plínio Marcos. Logo em seguida, a turma constitui-se

como grupo de teatro. No ano de 2008, nascia, então, oriundo da Carona Escola, o VísCera Teatro.

O nome VísCera Teatro emerge do diálogo entre os quatro atores e o diretor convidado e co-responsável pelo nascimento do grupo, Pépe Sedrez – que nos apresentou a obra de Grotowski, influência teórica expressiva na concepção do grupo – como forma de manifestar a entrega total do ator no trabalho criativo. Manifestar uma ação que visa alcançar, na relação com o público, certa proximidade provocadora, incitativa da entrega ao profundo singular de cada obra. Remoer nossas próprias percepções e – na relação com o ator – desnaturalizá-las, levando a outros pontos de significação. Desnudar-se para o público e convidá-lo também, a despir-se. O VísCera Teatro exprime relações nem lógicas, mecânicas, nem emocionais: viscerais.³

O fato de os participantes possuírem alguma **experiência** e a vontade

de lançarem-se com afinco aos jogos propostos era sem dúvida uma grande vantagem. Como uma coincidência, consequência, ou nada disso, tratava-se também de uma turma bastante reduzida: duas alunas e dois alunos. É quase natural que turmas “avançadas” – aqui me refiro ao tempo que atuam na Escola – acabem se limitando a um número menor de integrantes. Obviamente que não se trata de uma regra, mas de uma simples constatação. Aproximando-se o momento decisivo de escolhermos se encenaríamos uma **dramaturgia** pronta ou se criaríamos algo a partir das inúmeras obras do autor-tema, apresentei a eles algumas cenas de “Terror e Miséria no III Reich”. Lugar-comum em montagens de escolas de teatro

configura-se, de fato, como um prato cheio para exercitar encenações curtas com densa temática. A obra aborda os horrores que a ascensão do nazismo infligira, majoritariamente, aos judeus e também a outras minorias perseguidas, como os povos ciganos, os grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero (LGBT) e, inclusive, o próprio povo pobre alemão. Aquela pequena turma fora tocada pela narrativa dolorosamente **poética** das cenas que compõem essa obra. Emocionadas/os decidimos, então, encenar seis das mais de 30 cenas curtas que totalizam “Terror e Miséria no III Reich” agregando suas epígrafes e dois poemas de Brecht. Todavia, ocorreram alguns percalços pelo caminho: uma das alunas-atrizes

necessitou sair da montagem. Assim, convidamos a atriz da Cia Carona e, à época, professora-assistente da Escola, Sabrina Marthendal, a Bina, para integrar o elenco. Empolgadas/os, não medíamos esforços para “botar o espetáculo de pé”. Com dificuldades em achar horários para ensaios extras, uma vez que cada integrante do elenco tinha variadas ocupações profissionais, encontramos horários após às 22h, muitas vezes estendendo-se por horas e horas. Apelidamos esses horários extras de “Galo da Madrugada” e serviam tanto para ensaio de cena quanto para produção/confeção de adereços e cenografia. Lembro-me de dialogarmos madrugada adentro sobre a encenação enquanto cosíamos pãezinhos em fios de *nylon* para

compor parte da **cenografia**. A peça teve ótima recepção da plateia em sua apresentação na 8ª Mostra Carona de Teatro, tendo no elenco Lu de Bem, Sabrina Marthendal, Cleiton Rocha e Maicon Keller. Tanto que, no ano seguinte, 2010, o VísCera Teatro reestruturou o espetáculo e convidou o ator Jean Maçaneiro, do Detalhe Teatro, e a atriz e musicista Gika Voigt para integrarem o elenco. O grupo cresceu tendo Adélia Eccel como produtora e Fabrício Cardoso como técnico. O espetáculo foi renomeado de “A Grande Parada” em alusão ao poema que abre o texto original de Brecht. Gika musicou outros poemas

do autor, executou canções de Brecht e Kurt Weil, e a trilha sonora passou a ser realizada ao vivo. A cenografia também foi revista. O espetáculo “A Grande Parada” foi convidado para apresentar-se na Temporada Blumenauense de Teatro (TBT), e, por isso, realizou mais quatro apresentações. Em 2011, o grupo foi contemplado no Edital do Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Blumenau com um projeto que consistia em apresentações seguidas de **diálogos** com estudantes e comunidades de seis bairros do município. Destaco uma ocasião de conversa pós-espetáculo⁴:

“É sábado à noite, faz muito frio e nós estamos aqui na escola há mais de duas horas. Assistimos a uma peça que nos apresentou os horrores do nazismo na Alemanha de Hitler. E estamos conversando sobre o receio de que algo semelhante possa novamente acontecer. O teatro realmente nos despertou.” (Depoimento de pessoa da plateia, 2011).

Esse depoimento espontâneo nos tocou e, até hoje, nos toca profundamente. Deu-nos a confiança de que dialogávamos verdadeira e horizontalmente com espectadoras/es que ansiavam por cultura, por discussões sérias, por serem levadas/os à sério, por **trocas** genuínas e,

⁴ Apresentação seguida de conversa na Escola Professora Zulma Souza da Silva, no bairro da Velha, Blumenau, Santa Catarina.

sobretudo, por espaços de fala, por escutas.

O corpo VísCera Teatro emerge de construção proveniente das possibilidades expressas por alunos da Carona Escola de Teatro, lugar que tornou possível a aproximação de pessoas comumente distantes nos grupos cotidianos. Esta interlocução – possibilitada pela arte – permitiu que as experiências de cada aluno, oriundas de histórias bem diferentes, pudessem ser compartilhadas no momento criativo e emanou delas a produção artística que culminou no surgimento do grupo.⁵

O VísCera Teatro segue até hoje atuante em Blumenau, desenvolvendo projetos com nomes renomados como Carlos Simioni (Lume Teatro/SP) e Lina Della Rocca (Teatro Ridotto/Itália).

EU ERA HAMLET

ou Poema PopCreto para Utópica (R)Evolução

*Eu era Hamlet.
Estava parado à beira-mar e falava
BLA-BLA com a ressaca.
Atrás de mim, as ruínas da Europa.
Os sinos anunciavam os funerais
nacionais:
assassino e viúva, um casal.
(Heiner Müller)*

No ano de 2015, com a Turma Adulta de Quintas-Feiras, encenamos uma livre adaptação de “*Hamlet-Machine*”, texto de Heiner Müller, que, por sua vez, a criou a partir de “*The Tragedy of*

Hamlet, Prince of Denmark”, de William Shakespeare. Essa obra ora servia de sustentáculo ora se apresentava como *leitmotiv* ou, ainda, como mero pretexto para dar vazão às energias experienciadas e concretamente geradas em sala de trabalho por aquela turma, um *sui-generis* coletivo composto por cinco alunas-atrizes e cinco alunos-atores. Cada qual com variadas vivências teatrais, com menos ou mais experiências, menos ou mais idade, menos ou mais leituras teóricas e **leituras de vida**, com menos ou mais engajamento político-social, mas tendo em comum uma garra, uma

⁵ VísCera Teatro. Disponível em: <https://viscerateatro.wordpress.com/integrantes/>. Acesso em: 29 mar. 2021.

admirável vontade de explodirem seus corpos, de dilatarem-se ou diluírem-se no espaço, de expandirem suas formas física, intelectual e emocional, de transporem obstáculos, de arrombarem cadeados, de meterem o pé nas portas, jaulas, gaiolas, grades que ainda lhes impusessem castrações. E, também, de **gritar alto**, ainda que não fosse essa a maneira mais adequada de se comunicar e de não poupar tratamento violento a quem lhes impusessem violência, ainda que esse alguém se tratasse de si mesma/o.

“Sintetizar “Eu Era Hamlet” em palavras acabaria suprimindo tanto de tudo o que foi, que é tão imenso dentro, e que reverbera até hoje. Mas o exercício de escrever é tão genuíno, por encontrar nas formas das letras aquilo que existe, que se torna importante compartilhar. Tenho a certeza de que o processo atravessou em mim (e em “muites

amigues”) as questões mais profundas de existir, questionar, ocupar, transformar, engajar, de estar inteiro(a) no ato de criar, de construir, de reconhecer as potências que a/o atriz/ator carrega e que precisa compartilhar. Foi sem dúvida a experiência mais importante na minha trajetória enquanto sujeito e ator, a generosidade de “todes” (companheiras(os) e Pépe), a entrega, a presença me acionaram disparos técnicos, filosóficos, políticos que até hoje enraízam a minha jornada. Muito grato por tudo que foi vivido!” (Depoimento de Pablo Assi, aluno-ator integrante do elenco, 2021).

A sinopse do espetáculo já dava a tônica do que a encenação propunha à plateia: “Enquanto poema *pop* e concreto, que seja lido de forma não-linear (sem esperanças de uma história construída com começo, meio e fim). Que seja lido poética e graficamente. E poesia pressupõe liberdade. O que propomos não é uma canção, mas antes um grito. Gutural e **visceral**. Um manifesto político-amoral-libertário e,

sobretudo, contemporâneo. Perdoe-nos, caro espectador, mas não conseguimos mais engolir e estamos vomitando todo o arsenal de preconceitos e injustiças que nossa sociedade – e aí nos incluímos – insiste em perpetuar”.

“Eu era Hamlet” foi uma montagem em que o grupo era muito aberto à troca, o que foi criando uma sintonia entre “todes”. Deixando fluir o corpo – colocando-o em encontro, partilha e trabalho – nas aulas e se desafiando a partir das provocações trazidas pelo professor/diretor. E, no final, a montagem tem sua importância por vários motivos, mas o processo fez mexer as estruturas internas, instigou o corpo e a mente a compartilhar.” (Depoimento de João Carlos Alves Jr., aluno-ator integrante do elenco, 2021).

Múltiplos corpos se propunham vivos em cena. Saias, *smokings* e coturnos pretos para mulheres e homens, cabelos moicanos descoloridos para eles e

trançados vermelhos para elas; tecidos vermelhos com nós **transbordando** do palco e esculturas em papietagem que lembravam costelas penduradas no teto⁶; torres de luzes e aparelhos de som manuseados pelo elenco em cena; duas cellistas⁷ executando a maior parte da trilha sonora ao vivo; palavras do alemão Heiner Müller ecoando feito mantra ou sendo vomitadas, expurgadas...

“O processo criativo foi impressionante. Tratou-se de uma entrega tão intensa de “todes” nós, “alunes”, que me recordo de um dia estarmos andando pela sala em velocidades diferentes e a chuva modificar a sua intensidade no mesmo ritmo. Foi o

⁶ A cenografia foi composta por Pedro Gottardi, na época aluno-ator de outra turma da Escola, hoje artista visual, *performer*, professor e Mestre em Educação.

⁷ Patrícia Alzira da Veiga, professora de violoncelo da Escola de Música do Teatro Carlos Gomes e Sabrina

encontro com o concreto do mágico no teatro. Um processo que nos rasgou no espaço. Revolução em escola de teatro. Sinto enorme saudade.” (Depoimento de Giovanna Bittencourt, aluna-atriz integrante do elenco, 2021).

O depoimento de Giovanna alude a inúmeras e exaustivas sequências de exercícios corpóreo-vocais e/ou psico-sensoriais que se pautavam a partir de propostas e provocações concretas como produção e modulação de distintos níveis de **energia**, desbloqueios, rompimentos de amarras, libertação. Recordo momentos únicos em que as/os alunas/os praticamente andavam pelas paredes. Muita energia fora produzida

Marthendal, fotógrafa, atriz, diretora e professora da Carona e também violoncelista.

⁸ Coletivo composto por: Francieli Lorenço Gonçalves, Giovanna Bittencourt, Kathleen Shannon, Manuela Corrêa Fernandes, Marise Bohn, Artur Gewehr,

naquela sala de aula, que além de suar, pulsava com aquela turma. Movidas/os pela sede de vingança do príncipe depressivo de Shakespeare e, sobretudo, pela ânsia de fazer arte, aquela Turma Adulta de alunas/os-**atrizes-atores**⁸ chegou à “Eu era Hamlet ou Poema PopCreto Para Utópica (R)Evolução” e, naquela noite do final do ano de 2015, um grito pungente fez-se ouvir.

Eduardo “Dudu” Hilcher, João Carlos Alves Jr., Lucas Lange e Pablo Assi.

COM AÇÚCAR, SEM AFETO

*Com açúcar, com afeto
Fiz seu doce predileto
Pra você parar em casa
Qual o quê [...].
(Chico Buarque)*

Com vontade de experimentar algo menos calcado na palavra e mais nas possibilidades encontradas a partir dos corpos das/os alunas/os atrizes/atores em **relação** com o espaço, tendo por base alguns exercícios inspirados diretamente na técnica de *ViewPoints*,

optamos por criar pequenos fragmentos de cenas mais pictóricos, mais gráficos, mais visuais, que fossem extremamente concentrados e capazes de conter a potência de um *haikai*, ou melhor, de um ideograma. Assim sendo, passamos a criar muitos, inúmeros, incontáveis ideogramas corpóreo-espaciais. Entretanto, sempre parávamos para discutir, sempre nos permitíamos refletir, dialogar – além de mim, essa turma especificamente, gostava sobremaneira de conversar. Como essas conversas geravam bons temas, bons aprendizados e quase sempre resultavam em boas construções cênicas, resolvemos apostar nessa “característica” da turma. Novamente uma turma bastante peculiar, composta por mulheres mais maduras e homens

muito jovens, praticamente meninos ainda. Invariavelmente as conversas chegavam à **desconstrução** da masculinidade tóxica, ao combate ao machismo, à horrenda herança do patriarcado, ao combate às violências contra mulheres, ao feminicídio, à LGBTfobia etc. E aprendi(emos) muito com essas alunas-atrizes, mulheres. Talvez porque elas tinham essa vontade/necessidade de ensinar e talvez porque nós, homens, também tínhamos essa vontade/necessidade de aprender, de **ouvir** muito, mas de buscar informação também. De não ficarmos só esperando, como se fosse o dever delas nos ensinar. Obviamente que não. Muito pelo contrário, era e continua sendo nosso dever aprender e

agir, mudar. Então, gradativamente, o que seria muito mais pictórico foi perdendo espaço para o discurso feminista. Ou melhor, o discurso feminista foi conquistando um mais que necessário espaço que urgia ser e é seu. Ou melhor ainda: se nos propúnhamos lá no princípio do processo a explorar as possibilidades dos corpos no espaço, entendemos finalmente que os corpos em questão eram os das mulheres e o espaço também. Evidente que, para tocar em algo que se aproxime de tudo o que nós, homens, deliberadamente usurpamos do espaço feminino até os dias de hoje, a violência e a dor que causamos teriam que ser expostos em cena. Isso aconteceria de forma poética, obviamente, pois estávamos tratando

de arte, de teatro. Aos poucos os fragmentos, os ideogramas, foram gerando cenas... Alguns ideogramas foram literalmente para a cena, outros foram o estopim para a criação ou, ainda, permaneciam no **âmago** da encenação. E, então, convidamos Sheron Dávila, atriz trans, para uma participação especial. Ela se transformou na condutora das cenas, juntamente à Ana Clara Goularte, em outra participação especial, adolescente aluna da Carona Escola e filha de Regina Goularte, integrante da turma. Para completar, compreendemos que um espaço convencional não daria conta de abrigar a obra que criávamos. Era preciso sair das dependências do Teatro Carlos Gomes e encontrarmos na casa

de Regina e sua família o espaço para a nossa trama transcorrer. A partir disso pudemos ter mulheres e homens da plateia participando de uma relação muito íntima, sendo praticamente testemunhas oculares, **cúmplices** ou apenas assistindo passivamente às sucessivas violências físicas e/ou psicológicas às quais as mulheres continuam sendo submetidas.

“Participar do espetáculo foi uma experiência incrível e profunda. Não esperávamos vivenciar tantas apresentações e sentir o espetáculo crescer e amadurecer, o que foi de uma riqueza ímpar. Além disso, estar em cena com minha filha mais velha falando sobre um tema tão delicado e necessário foi dividir dores e força, aprofundando nosso diálogo e intimidade. Por fim, abrir minha casa, meu quarto, minha intimidade, foi uma tentativa de gritar com suavidade as agruras de ser mulher e viver em uma sociedade tão violenta.” (Depoimento de Regina Goularte, aluna-atriz integrante do

elenco e dona da casa onde o espetáculo sempre se apresentou, 2021).

No dia 21/11/2017, por volta das 22h, o público, limitado em 30 pessoas, esperava em frente à casa situada na Rua Caxambu, número 150, bairro Petrópolis, em Blumenau. O portão eletrônico se abriu e a atriz Sheron D'Ávila, num gesto largo, convidou “todes” a entrar. Quatro mulheres dançaram em redor de uma fogueira e, em seguida, correram para brincar no balanço de uma árvore onde havia vários vestidos pendurados. A música parou, e um homem carregando uma pá e outro carregando o **corpo** de uma menina adolescente num carrinho de mão atravessaram a cena. As mulheres então cobriram suas bocas, seus olhos, seus ouvidos, de si mesmas e das outras

atrizes e, depois, das mulheres da plateia. Um homem vestindo um avental branco saiu pela porta frontal da casa, desceu uma escadaria, estalou um chicote e gritou: “Eia! Eia!”. Intento que essa introdução do espetáculo possa gerar alguma visualidade da atmosfera inicial de “Com Açúcar, Sem Afeto”.

“Era o meu segundo ano como aluna da Carona e do Pepe. No ano anterior, eu tinha participado de um espetáculo que trazia questões sobre a violência contra as mulheres e desde lá já estava bem “mexida” pelo tema. Mesmo assim, eu vivia em negação: ainda encarava o teatro como algo em que eu apenas representava as questões da Outra/do Outro e tratava dos problemas sociais relevantes para o público. Eu não conseguia me reconhecer como parte dessas questões/problemas. Ao longo da montagem e das apresentações do “Com açúcar” isso caiu por terra. Trouxemos uma atriz trans, a Sheron, para integrar a turma e ao escutar o seu depoimento na cena do quarto, assim como os depoimentos das outras atrizes, eu não tinha mais como não me envolver.

Depois, isso ficou ainda mais forte com a participação das mulheres do público na referida cena. “Com açúcar” foi importante para mim por me ajudar nesse processo de reconhecer e nomear as violências que as mulheres próximas a mim sofreram e as que eu mesma sofri; também foi essencial para eu me tornar disponível para escutar e acolher essas mulheres.” (Depoimento de Alessandra Boss, aluna-atriz integrante do elenco, 2021).

A **cena** citada por Alessandra levava todo o público para dentro de um quarto (suíte) de casal em que uma atriz – a própria Alessandra – dormia. Um pouco depois, ouviu-se o som de descarga de vaso sanitário e um ator – Marcos – saiu e veio deitar-se junto à atriz. Ele a tocou enquanto ela dormia. O público estava muito próximo – socado mesmo, com algumas pessoas sentadas na cama – e via, assim, tão “de perto”, o abuso. Com os **toques** se intensificando, ela acordou.

Questionou-o. Ele não a compreendeu, ela era sua namorada, ele não achava que estivesse fazendo algo de errado. Ela então o expulsou: “Sai, Marcos!”, e, com isso, as outras atrizes expulsaram do quarto todos os outros homens – “Sai, Marcos!” – e trancaram a porta. Ficaram no quarto somente as mulheres. Então, tendo criado um ambiente seguro, as atrizes trocaram confidências e abriram espaço para as espectadoras, caso quisessem também abrir suas histórias. Criamos um pacto de jamais contar para os homens, fossem do Coletivo ou de fora, incluindo eu, o professor-diretor, o que era dito em confidência dentro daquele quarto. Quando a cena foi criada por

⁹ Coletivo Atravessa Parede é formado por: Alessandra Boos, Angie Rodrigues, Luisa Alejandra Uribe Pereira,

Alessandra e Marcos numa aula, ela ia somente até a expulsão de Marcos. Com a entrada das outras atrizes na cena, pensamos em criar esse lugar no qual fosse possível falar com delicadeza e muita responsabilidade. Ao sair do quarto, essas mulheres iam, nesse estado, para a sala onde os homens – todos tratados como Marcos – faziam faxina numa vã tentativa de “limpar” a sujeira, as **manchas** que, insistentes, não saíam. E as mulheres, alunas-atrizes, lançavam-se violentamente contra as paredes, repetidas vezes, até se exaurirem. Daí nasceu o nome do Coletivo Atravessa Parede⁹. “Com Açúcar, Sem Afeto” apresentou-se seis vezes na 20^a Mostra

Regina Goularte, João Carlos Alves Jr., Kaiow Bajak, Leonardo Baraúna, Marcos Schneider e Pépe Sedrez.

Carona de Teatro, em 2017. Depois, na Semana da Mulher e no Fórum FITUB, em 2018. Reapresentou-se em novembro de 2019. E, em 2020, teve a gravação em vídeo exibida no projeto Carona 25 Anos, seguida de roda de conversa com o elenco. O exemplo de VísCera Teatro vai ao encontro do propósito inicial da Carona Escola de **gerar** possibilidades de criação de novas grupalidades, incrementando a produção teatral em nossa cidade. Já a Turma Adulta que criou “Eu Era Hamlet” não gerou um grupo de teatro, nesse sentido estrito da palavra. No entanto, a maioria das/os integrantes continua fazendo teatro em Blumenau ou fora da cidade. O Coletivo

Atrizes convidadas: Ana Clara Goularte e Sheron D’Ávila.

Atravessa Parede não segue apresentando “Com Açúcar, Sem Afeto” em função da pandemia da COVID-19. Acredito na potência nuclear da **coletividade**. Talvez porque sempre fui integrante de grupos. Talvez não saiba mesmo fazer de outra maneira. Isso não quer dizer que eu desacredite em outras possibilidades, em absoluto. Contudo, é entre companheiras/os na sala de trabalho, suando, “ralando” nos processos criativos ou orientando essa “ralação”, provocando esse suor, dirigindo os trabalhos de turmas de alunas/os, lecionando Teatro, que encontro uma alternativa para dialogar artisticamente com minhas/meus semelhantes, e quiçá alguma possibilidade de mergulhar no

abismo do espaço sideral, tendo os pés bem plantados no chão.